

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Sul (IBCR-S)

Dados dessazonalizados

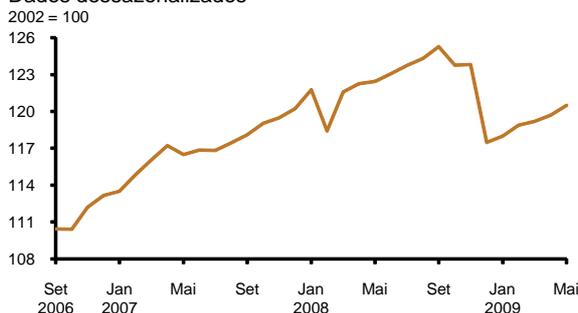
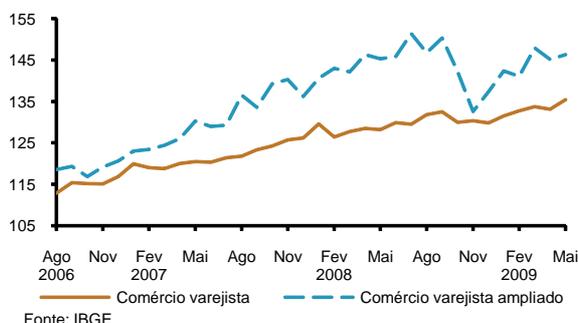


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

A evolução recente da economia da região Sul tem sido caracterizada pela recuperação das atividades industrial e varejista, favorecidas tanto pelos estímulos das políticas fiscal e monetária, quanto pelo efeito da estabilidade dos preços sobre a massa salarial real. Embora a este cenário positivo se contrapusesse o desempenho negativo da agricultura, setor com participação significativa no dinamismo econômico da região e fortemente afetado por problemas climáticos, o Índice de Atividade Econômica Regional – Sul (IBCR-S), ratificando a trajetória de recuperação do nível de atividade em 2009, registrou crescimento de 1,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia recuado 5% na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista elevaram-se 1,5% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Esse resultado refletiu aumentos em oito dos nove segmentos considerados na pesquisa, com ênfase em artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 6,2%; outros artigos de uso pessoal e doméstico, 5,4%; e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 5,1%, contrastando com o recuo observado no segmento tecidos, vestuário e calçados, 1,2%. O comércio ampliado, agregando as variações registradas nas vendas de automóveis e motocicletas, 5,6%, e material de construção, 1,1%, cresceu 4,4% no trimestre.

Vale mencionar que o desempenho do comércio na margem, além de evidenciar os efeitos positivos das medidas de desoneração fiscal e de elevação da oferta de crédito, vem sendo favorecido pelo aumento na renda disponível, associado aos programas do governo federal Bolsa Família e Benefício de Prestação Continuada, que disponibilizaram, de janeiro a maio, R\$1,1 bilhão em benefícios pagos, representando crescimento médio real acumulado no ano de 12,2%.

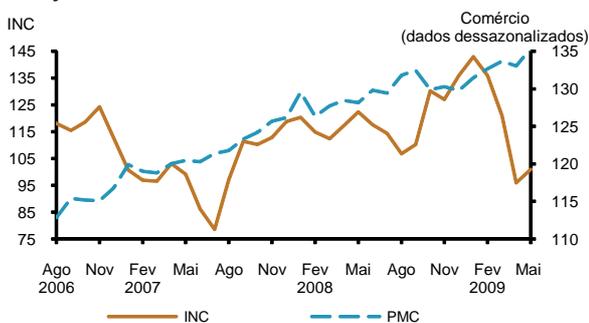
Tabela 5.1 – Índice de vendas no varejo – Sul

Maio de 2009

Discriminação	Variação % acumulada em 12 meses		
	Receita	Volume	Preço
Comércio varejista	10,1	4,7	5,2
Combustíveis e lubrificantes	5,6	4,9	0,7
Hiper, supermercados	12,0	1,6	10,2
Móveis e eletrodomésticos	4,0	4,5	-0,5
Tecidos, vestuário e calçados	4,0	-1,6	5,7
Comércio varejista ampliado	8,5	4,3	4,0
Automóveis e motocicletas	5,9	5,9	0,0
Material de construção	7,0	-4,8	12,4

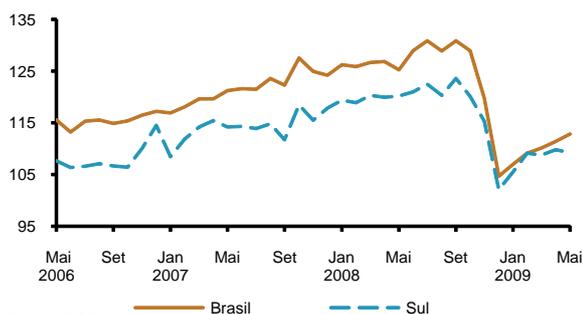
Fonte: IBGE

As vendas varejistas acumuladas em doze meses registraram elevação de 4,7% em maio, em relação ao período correspondente de 2008, resultado 0,8 p.p. inferior ao assinalado em fevereiro, no mesmo tipo de comparação, ressaltando-se a expansão observada no segmento material de escritório e informática, 90,8%, que, desde julho de 2008 apresenta aumento acentuado nas vendas, resultado, em parte, de inovações tecnológicas, que conduzem à necessidade de modernização por parte das empresas. Além desses, destacaram-se os aumentos relacionados a livros, jornais, revistas e papelaria, 16,6%; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 16,4%. As vendas acumuladas em doze meses do comércio ampliado, incorporadas as variações respectivas de 5,9% e -4,8% relativas aos segmentos automóveis e motocicletas, e material de construção, elevaram-se 4,3% em maio, ante 7,1% em fevereiro.

Gráfico 5.3 – Índice Nacional de Confiança e comércio varejista – Sul

Fonte: ACSP e IBGE

O Índice Nacional de Confiança (INC) da região Sul, divulgado mensalmente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 101 pontos em maio, ante 136 pontos em fevereiro e 122 pontos em igual período do ano anterior. O recuo do indicador no trimestre, embora captasse a melhora no componente que avalia a situação financeira pessoal dos entrevistados e a situação da economia regional, esteve influenciado, em especial, pela evolução do componente que considera a confiança em investimentos no futuro e a segurança no emprego.

Gráfico 5.4 – Produção industrial – Sul
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

Fonte: IBGE

A produção da indústria na região cresceu 3,5% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando recuara 11,8% no mesmo tipo de comparação, segundo dados da PIM-PF do IBGE agregados e dessazonalizados pelo Banco Central. A evolução recente da atividade industrial refletiu tanto o maior dinamismo das atividades outros produtos químicos, 48,6%, e veículos automotores, 18,6%, que haviam registrado retrações expressivas no trimestre finalizado em fevereiro, quanto o crescimento de 5,4% observado na produção de alimentos, segmento que detém a maior participação na estrutura industrial da região.

Considerados períodos de doze meses encerrados em iguais meses de anos subsequentes, o setor industrial apresentou retração de 2,8% em maio, ante expansão de 0,4% em fevereiro. Esse recuo, decorrente da incorporação de meses com níveis de produção relativamente mais reduzidos, refletiu a ocorrência de resultados negativos em dezesseis das dezenove atividades incluídas na pesquisa, em especial madeira, 18%; metalurgia básica, 17%; máquinas,

Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	-11,8	3,5	-2,8
Alimentos	19,1	-6,8	5,4	-1,6
Veículos automotores	13,4	-44,6	18,6	-6,8
Máquinas e equipamentos	11,7	-26,2	-5,1	-9,1
Refino de petróleo e álcool	8,0	7,1	3,8	-1,1
Outros produtos químicos	5,0	-17,6	48,6	-7,2
Borracha e plástico	4,8	-15,3	0,5	-4,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de maio.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.3 – Indicadores da produção industrial – Sul

Setores	Variação % no período		
	2009		
	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	Acum. 12 meses
Pessoal ocupado assalariado	-3,0	-2,6	-2,3
Número de horas pagas	-3,5	-3,2	-2,9
Folha de pagamento real	-3,0	-1,2	1,6

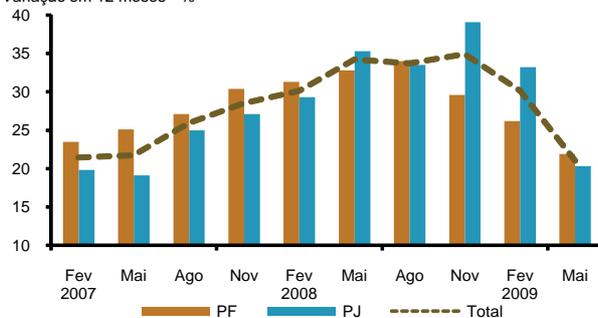
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3.

Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses - %



aparelhos e materiais elétricos, 11,7%; e calçados e artigos de couro, 17,7%.

A evolução dos indicadores da Pimes do IBGE revelou desaceleração na margem do emprego na indústria da região. Nesse sentido, os índices relacionados às horas pagas, ao pessoal ocupado e à folha de pagamento registraram reduções respectivas de 3,2%, 2,6% e 1,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, considerados dados dessazonalizados.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$216,6 bilhões em maio, elevando-se 1,3% no trimestre e 21% em doze meses, comparativamente a aumentos respectivos de 1,7% e 30,1% em fevereiro. O total dos empréstimos relativos ao segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$120,3 bilhões, contraindo-se 0,9% no trimestre, com ênfase nos recuos das operações contratadas pelo comércio atacadista, serviços de telefonia e indústrias químicas. O total dos empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiu R\$96,3 bilhões, elevando-se 4,1% no trimestre, com destaque para os desempenhos das modalidades financiamento imobiliário e crédito consignado. Os empréstimos relativos aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas aumentaram, na ordem, 21,9% e 20,3% em doze meses.

A safra de grãos da região deverá totalizar 53,2 milhões de toneladas em 2009, apresentando retração anual de 13,1%, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, ressaltando-se os recuos respectivos de 25,6% e 10,3% observados nas culturas de milho e soja, afetadas pelas condições meteorológicas desfavoráveis registradas nos primeiros meses do ano, e a projeção de retração de 2,1% para a safra de trigo. Segundo a Associação Riograndense de Empreendimentos e de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e a Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), as cotações médias do milho, refletindo o recuo de suas exportações, e do arroz e do feijão, registraram reduções respectivas de 2,4%, 13,8% e 34,8% no trimestre encerrado em junho, em relação ao finalizado em março, enquanto as relativas à soja e ao trigo, evidenciando as perspectivas de reduções nessas safras, elevaram-se, na ordem, 1,6% e 0,4%, no período.

Os abates de bovinos e aves registraram reduções respectivas de 22,3% e 6,2% nos cinco primeiros meses de 2009, em relação a igual período do ano anterior, de acordo com estatísticas do Mapa relativas a estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, enquanto os relativos a suínos

Tabela 5.4 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção		Variação % 2009/2008
	2008	2009 ^{1/}	
Grãos	61 321	53 157	-13,1
Arroz (em casca)	8 562	9 055	6,4
Feijão	1 055	1 032	-2,1
Milho	25 025	18 620	-25,6
Soja	20 520	18 409	-10,3
Trigo	5 450	5 338	-2,1
Outras lavouras			
Fumo	824	802	-2,7
Maçã	1 120	1 182	5,6
Uva	936	873	-6,8
Mandioca	5 248	5 860	11,7

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de junho 2009.

Tabela 5.5 – Indicadores da pecuária – Sul

Maio de 2009

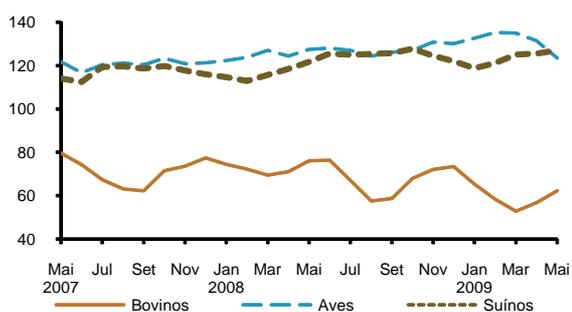
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates	Exportações	Preços
	(nº de animais)	(kg)	(R\$)
Bovinos	-22,3	9,1	-0,3
Suíños	4,7	3,1	-16,9
Aves	-6,2	-2,2	10,2

Fonte: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC.

Gráfico 5.6 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

aumentaram 4,7%. Considerados dados dessazonalizados, os abates de suínos e de aves cresceram, respectivamente 0,6% e 1,4%, no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, enquanto os relativos a bovinos decresceram 0,3%, movimento associado, em especial, à redução da demanda externa. No mesmo período, os preços pagos ao produtor assinalaram recuo generalizado, atingindo 4,4% para carnes de bovinos, 1,3% para aves e 25% para suínos.

O superávit da balança comercial da região atingiu US\$4,8 bilhões nos seis primeiros meses do ano, aumentando 76,1% em relação a igual período de 2008, traduzindo contrações de 21,9% nas exportações e de 37,5% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$15,6 bilhões e US\$10,8 bilhões.

O desempenho das exportações evidenciou a ocorrência de retrações das vendas em todas as categorias de fator agregado. Os embarques de produtos semimanufaturados decresceram 36,1%, impactados pelo desempenho negativo dos itens óleo de soja, 52,3%, e couros, 46,9%, seguindo-se os recuos nas vendas de manufaturados, 34%, em especial veículos, 42,1%, e calçados, 33,4%; e de produtos básicos, 4%, com ênfase nos recuos registrados nas vendas de milho em grãos, 42,4%, e carnes, 21,4%. Os principais países de destino das exportações da região Sul no primeiro semestre de 2009 foram China, EUA e Argentina, que, juntos, representaram 27,5% das vendas ao mercado externo, ressaltando-se que enquanto as vendas à China elevaram-se 22% em relação ao mesmo período de 2008, os embarques direcionados à Argentina e aos EUA experimentaram retrações respectivas de 45,4% e 31,7%.

A evolução das importações traduziu o impacto das reduções observadas nas aquisições de combustíveis, 65,7%; matérias-primas, 38,4%, destacando-se as retrações nas relativas a naftas, 39,9%, e partes e peças para veículos, 37,3%; bens de consumo duráveis, 21,5%, com ênfase no decréscimo nas compras de automóveis, 25,6%; e de bens de capital, 6,3%, influenciadas pelo declínio nas aquisições de bombas, compressores e ventiladores, 32,9%. Em sentido inverso, as compras de bens de consumo não duráveis elevaram-se 2,2% no semestre, com ênfase nos aumentos relativos a fumo em folhas, 76,7%. Os principais mercados de origem foram Argentina, China e Nigéria, com participação conjunta de 42,3% nas compras da região.

A retomada da atividade econômica na região possibilitou, segundo dados do Caged/MTE, a criação de

Tabela 5.6 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	20 035	15 643	-21,9	-22,8
Básicos	8 178	7 850	-4,0	-8,2
Industrializados	11 857	7 793	-34,0	-31,1
Semimanufaturados	1 683	1 075	-36,1	-27,5
Manufaturados ^{1/}	10 174	6 718	-34,0	-30,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.7 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	17 284	10 800	-37,5	29,8
Bens de capital	2 402	2 251	-6,3	14,5
Matérias-primas	8 749	5 393	-38,4	-32,9
Bens de consumo	2 002	1 741	-13,0	-7,6
Duráveis	1 287	1 010	-21,5	-15,6
Não duráveis	715	731	2,2	2,3
Combustíveis	4 131	1 415	-65,7	-51,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.8 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008			2009	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	120,2	88,0	75,9	-85,6	32,5
Ind. de transformação	49,8	27,1	-4,5	-67,5	2,3
Comércio	23,2	20,5	37,0	-8,5	6,8
Serviços	33,3	30,6	29,7	0,5	27,3
Construção civil	12,2	15,1	2,7	-3,9	5,5
Agropecuária	-1,8	-8,7	9,9	-4,1	-12,6
Serv. ind. de util. pública	0,2	0,8	0,3	0,2	0,2
Outros ^{2/}	3,3	2,6	0,7	-2,4	3,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

32,5 mil empregos formais no trimestre finalizado em maio, ante 120,2 mil em igual período de 2008, representando a reposição de 38% das vagas extintas no trimestre encerrado em fevereiro. A análise por atividades revela que o setor de serviços respondeu por 83,8% das vagas geradas no trimestre, das quais 14,9 mil nos ramos administração de imóveis, serviços técnicos e profissionais e ensino. Vale mencionar que a indústria de transformação, após se constituir no principal responsável pelo elevado número de demissões registrado no trimestre encerrado em fevereiro, determinou a criação de 2,3 mil empregos formais, destacando-se a geração de 9,4 mil postos na indústria de alimentação e bebidas. Em sentido inverso, evidenciando o final da safra de verão, a agropecuária proporcionou a eliminação de 12,6 mil empregos no trimestre.

O nível de emprego manteve-se estável no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando registrara retração de 0,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, com ênfase nas retrações assinaladas na agropecuária, 3,1%, e na indústria de transformação, 1,2%, contrastando com os aumentos observados nos setores serviços, 1,1%; comércio, 0,6%; e construção civil, 0,4%.

A variação do IPCA da região Sul⁵ atingiu 1,75% no trimestre encerrado em junho, ante 1,00% naquele finalizado em março, aceleração determinada pelos aumentos assinalados nas variações dos preços livres, de 0,90% para 1,88%, e dos monitorados, de 1,25% para 1,40%, ressaltando-se que a evolução dos preços nesse segmento refletiu, em especial, o impacto dos reajustes nos itens energia elétrica residencial, 5,13%, produtos farmacêuticos, 2,33%, gás de bujão, 3,67%, além de taxa de água, 2,14%, e plano de saúde, 1,47%.

O comportamento dos preços livres traduziu, fundamentalmente, o impacto da aceleração, de -0,03% para 2,50%, observado na variação dos preços dos itens comercializáveis, com ênfase nas contribuições, para a variação total do IPCA, provenientes do desempenho dos preços dos itens leites e derivados, 0,48 p.p.; cigarros, 0,23 p.p.; e vestuário, 0,22 p.p. Os preços dos itens não comercializáveis registraram variação de 1,31% ante 1,78% no trimestre finalizado em março, com destaque para as reduções de 0,10 p.p. e 0,38 p.p. nas contribuições dos itens de alimentação e bebidas, e educação.

5/ Consideram-se as variações e os respectivos pesos das duas regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA: Porto Alegre e de Curitiba.

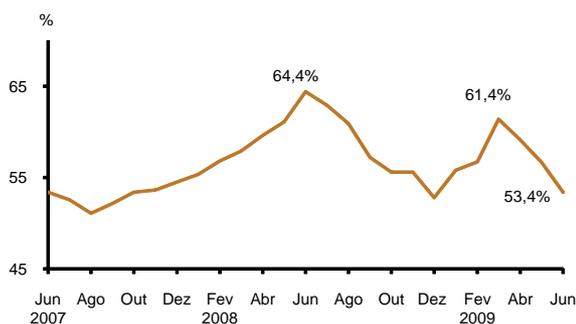
Tabela 5.9 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2008		2009	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,14	0,88	1,00	1,75
Livres	72,4	1,27	1,05	0,90	1,88
Comercializáveis	34,9	0,76	1,11	-0,03	2,50
Não comercializáveis	37,4	1,76	1,00	1,78	1,31
Monitorados	27,6	0,82	0,42	1,25	1,40
Principais itens					
Alimentação	22,3	0,71	1,83	1,09	2,16
Habitação	14,0	1,51	0,91	0,94	3,01
Artigos residência	4,6	0,64	-0,31	0,09	1,52
Vestuário	6,8	0,94	2,81	-1,18	3,19
Transportes	19,7	1,72	-0,31	-0,03	-0,41
Saúde	10,3	1,05	0,53	1,12	1,77
Despesas pessoais	10,8	1,82	1,59	1,95	3,98
Educação	6,5	0,33	0,12	6,08	0,15
Comunicação	4,9	0,24	0,14	0,25	0,30

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a junho de 2009.

Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

O índice de difusão atingiu média de 53,4% no trimestre finalizado em junho, ante 61,4% no encerrado em março, evidenciando a menor disseminação dos reajustes de preços.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da região Sul atingiu 4,85% em junho, ante 5,66% em março, trajetória decorrente da desaceleração, de 6,53% para 5,20% registrada nos preços livres, favorecida por reduções respectivas de 0,95 p.p. e 0,23 p.p. nas contribuições dos grupos alimentação e transportes, e da aceleração, de 3,45% para 3,94%, observada nos preços dos itens monitorados.

Os desdobramentos da crise da economia mundial sobre a economia da região vêm se tornando gradativamente menos acentuados, trajetória evidenciada tanto pelo desempenho, na margem, de indicadores relacionados à indústria e ao comércio – expresso no aumento experimentado pelo IBCR da região no trimestre encerrado em maio, quanto pelos resultados da Sondagem Industrial da CNI, que revelam melhora das expectativas dos empresários quanto ao comportamento do mercado interno. Vale mencionar que esse cenário, mesmo favorecido pelo fortalecimento da demanda interna derivado do ambiente de estabilidade de preços, melhora nas condições de crédito e continuidade das medidas temporárias de desoneração fiscal, deverá incorporar o impacto da queda da produção do setor agrícola da região sobre o desempenho das atividades mais dependentes do setor, em especial, comércio, transporte e exportações.

Paraná

Gráfico 5.8 – Índice de Atividade Econômica Regional – Paraná (IBCR-PR)

Dados dessazonalizados

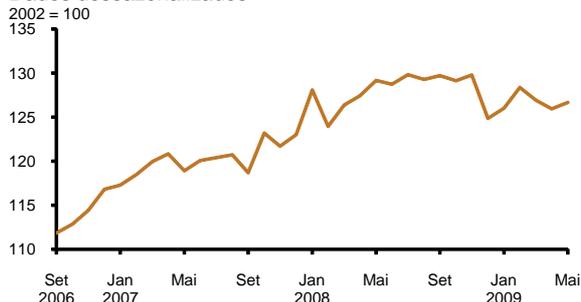
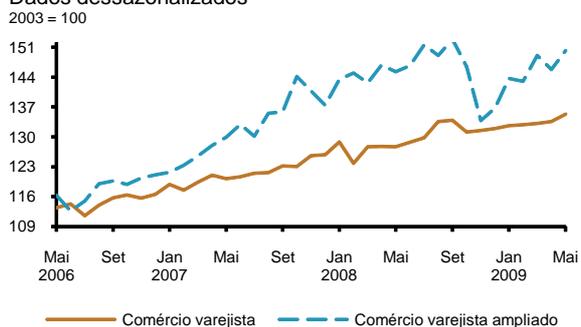


Gráfico 5.9 – Comércio varejista – Paraná

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 5.10 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Maio de 2009

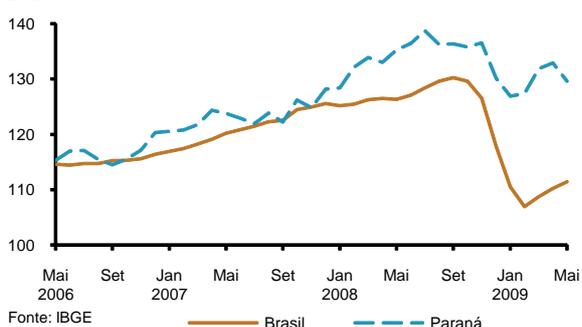
Discriminação	Variação % 12 meses		
	Receita nominal	Volume	Preço
Comércio varejista	11,0	5,7	5,0
Combustíveis e lubrificantes	6,8	6,8	0,0
Hiper, supermercados	11,9	1,6	10,1
Tecidos, vestuário e calçados	3,9	-0,5	4,4
Móveis e eletrodomésticos	2,1	2,6	-0,5
Comércio varejista ampliado	8,1	4,1	3,8
Automóveis e motocicletas	4,9	4,4	0,5
Material de construção	2,3	-9,7	13,3

Fonte: IBGE

Gráfico 5.10 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

Embora os indicadores setoriais paranaenses relativos à evolução da indústria e do comércio, exercendo impactos favoráveis sobre o mercado de trabalho, registrassem recuperação no trimestre encerrado em maio, o Índice de Atividade Econômica Regional – Paraná (IBCR-PR), evidenciando o desempenho negativo do setor agrícola do estado, apresentou elevação de apenas 0,1% em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, quando recuara 2,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas no Paraná aumentaram 1,2% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando haviam crescido 0,2% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE, com destaque para os aumentos registrados nos segmentos livros, jornais, revistas e papelaria, 10,3%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 5,1%. O comércio ampliado, refletindo o impacto mais intenso do aumento de 11,2% registrado nas vendas de veículos, motos, partes e peças, em relação ao proporcionado pelo recuo de 1,3% observado nas relativas a materiais de construção, cresceu 5,1% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas elevaram-se 5,7% em maio, em relação a igual intervalo de 2008, ante 6,2% em fevereiro, com ênfase nos aumentos relativos aos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 136,4%, e livros, jornais, revistas e papelaria, 20,4%. O comércio ampliado, traduzindo as variações assinaladas nas vendas de materiais de construção, -9,7%, e de veículos, motos, partes e peças, 4,4%, expandiu 4,1% no período, menor taxa desde novembro de 2006.

A produção da indústria paranaense cresceu 1,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando registrara recuo de 6,7% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Dentre as quatorze atividades pesquisadas, oito apresentaram expansão, com destaque para veículos automotores, 19,2%; produtos alimentícios, 8,4%; refino de petróleo e álcool, 4,9%; e edição e impressão, 3,5%, segmentos representativos da indústria do estado, em oposição aos recuos assinalados nas indústrias de celulose e papel, 6,9%; e de máquinas e equipamentos, 2,8%. Vale mencionar que, enquanto a recuperação da indústria de veículos – embora mais lenta do que a observada em

Tabela 5.11 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	-6,7	1,8	2,5
Veículos automotores	19,9	-48,3	19,2	-5,8
Produtos alimentícios	18,8	-7,0	8,4	-1,7
Máquinas e equipamentos	10,4	-22,8	-2,8	-10,4
Refino de petróleo e álcool	9,6	-4,0	4,9	3,2
Edição e impressão	8,4	95,7	3,5	67,5
Celulose e papel	8,2	-4,6	-6,9	7,3
Madeira	4,6	-11,3	-0,4	-15,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

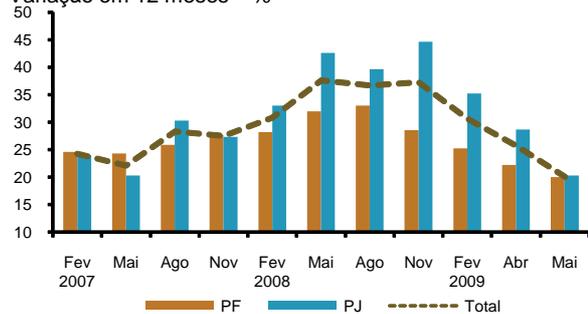
âmbito nacional, tendo em vista a maior participação da demanda externa no destino da produção do setor no estado – esteve associada à redução da alíquota do IPI e às melhores condições no mercado de crédito, a relativa à indústria de alimentos refletiu, em grande parte, o aumento das exportações de açúcar, destinadas à Índia e à China, e de carne suína, direcionadas à Rússia e a Angola.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do estado registrou expansão de 2,5% em maio, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 5,7% em fevereiro e 10,1% em setembro de 2008. A trajetória declinante registrada a partir desse mês refletiu, em grande parte, as reduções respectivas de 44,3 p.p., 28,8 p.p. e 16,7 p.p. observadas nas taxas de crescimentos das indústrias de veículos automotores, máquinas e equipamentos e madeira.

Os indicadores da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) sugerem, adicionalmente, a recuperação na margem da indústria paranaense. Nesse sentido, enquanto o Nuci, considerados dados dessazonalizados, atingiu 75,9% em maio, ante 74% em fevereiro, com ênfase nos aumentos dos indicadores relacionados aos segmentos veículos automotores, 11,8 p.p., e alimentos, 7,6 p.p., os mais representativos da indústria do estado, as vendas reais, embora recuassem 0,6% no período, registraram retração de 3,9 p.p. relativamente à assinalada no trimestre encerrado em fevereiro.

Gráfico 5.11 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no Paraná atingiu R\$79,4 bilhões em maio, elevando-se 0,7% no trimestre – menor taxa entre os estados do Sul – e 20,1% em doze meses, mantendo-se na trajetória de desaceleração observada desde o ano passado. O total dos empréstimos no segmento de pessoas físicas atingiu R\$35,7 bilhões, aumentando 3,5% no trimestre e 20% em doze meses, com ênfase nas contratações referentes a crédito rural, imobiliário e a financiamento de automóveis. A soma das operações no segmento de pessoas jurídicas alcançou R\$43,7 bilhões, registrando variações respectivas de -1,5% e 20,3% nas bases de comparação mencionadas, destacando-se o menor dinamismo das operações referentes às modalidades financiamentos de importação e arrendamento os aumentos nas relativas a empréstimos para aquisições de bens e financiamentos à exportação.

A safra de grãos do Paraná deverá totalizar 25,2 milhões de toneladas em 2009, de acordo com o LSPA de junho do IBGE. A redução anual de 21,3% projetada para o setor se constitui na maior já observada na série

Tabela 5.12 – Produção agrícola – Paraná

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção		Varição %
	2008	2009 ^{1/}	2009/2008
Grãos	31 968	25 163	-21,3
Feijão	771	732	-5,1
Milho	15 613	11 025	-29,4
Soja	11 800	9 511	-19,4
Trigo	3 068	3 257	6,2
Outros	716	638	-10,9
Outras lavouras			
Batata	688	603	-12,4
Café (em grão)	157	95	-39,5
Cana-de-açúcar	51 244	52 877	3,2
Fumo	148	141	-4,7
Mandioca	3 326	4 008	20,5

Fonte: IBGE

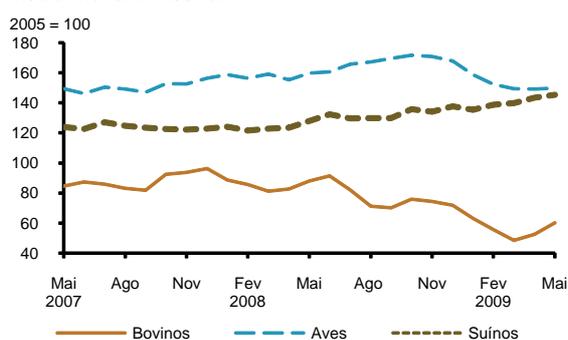
1/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2009.

histórica disponível, que se inicia em 1990, e está associada, fundamentalmente, ao efeito das estiagens que atingiram as regiões produtoras na primeira e na segunda safra, esta afetada, ainda, pela ocorrência de geadas, provocando reduções significativas nos rendimentos médios das culturas de feijão, 24%; soja, 21,4%; e milho, 24,2%. Em relação às lavouras de inverno, estima-se expansão de 5,5% para a produção, sustentada pelo crescimento de 15% na respectiva área plantada. Projeções da Seab, em linha com as realizadas pelo IBGE, indicam redução anual de 21% para a safra de grãos do estado, em 2009.

O valor bruto da produção agrícola do estado, evidenciando a evolução recente dos preços médios recebidos pelos produtores, deverá registrar retração significativa em 2009, com desdobramentos negativos tanto sobre a renda do setor quanto em relação à intenção de plantio e o nível da tecnologia a ser adotada na próxima safra de verão. Segundo a Seab, os preços relativos ao feijão, trigo e milho registraram reduções respectivas de 38%, 26,1% e 17,1% no primeiro semestre, em relação a igual período de 2008, evolução consistente com o aumento nos estoques de feijão e trigo, e com a retração na demanda por milho para produção de álcool nos EUA. Adicionalmente, o efeito do aumento de 4,8% experimentado pelo preço médio da soja, no período, refletindo o reduzido nível dos estoques internacionais, não será suficiente para neutralizar o impacto, sobre a renda da cultura, decorrente do decréscimo em sua produtividade.

Gráfico 5.12 – Abates de animais – Paraná

Média móvel trimestral

**Tabela 5.13 – Balança comercial – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Exportação	7 646	5 765	-24,6	-22,8
Importação	6 599	3 840	-41,8	-29,5
Saldo	1.047	1925	83,9	23,7
Corrente de comércio	14 245	9 605	-32,6	-25,9

Fonte: MDIC/Secex

Os abates de bovinos e de frangos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF recuaram, na ordem, 36,9% e 6,4%, nos primeiros cinco meses de 2009, em relação a igual período de 2008, enquanto os relativos a suínos, impulsionados pela intensificação da demanda externa, aumentaram 12,2%. A participação do Paraná no total de abates realizados no país atingiu, na ordem, 3,3%, 27% e 17,8%, no período, enquanto os preços médios recebidos pelos produtores no estado registram, de acordo com a Seab, variações respectivas de 5,2%, 7,9%, e -22,1%.

O superávit da balança comercial paranaense atingiu US\$1,9 bilhão nos seis primeiros meses de 2009, elevando-se 83,9% em relação a igual período do ano anterior. As importações reduziram-se 41,8% e as exportações, 24,6%, totalizando, na ordem, US\$3,8 bilhões e US\$5,8 bilhões, proporcionando retração de 32,6% na corrente de comércio do estado, ante recuo de 25,9% em âmbito nacional.

Consideradas por categorias de fator agregado, as vendas externas do estado registraram recuo generalizado

Tabela 5.14 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	7 646	5 765	-24,6	-22,8
Básicos	3 067	3 011	-1,8	-8,2
Industrializados	4 579	2 754	-39,9	-31,1
Semimanufaturados	733	569	-22,4	-27,5
Manufaturados ^{1/}	3 846	2 185	-43,2	-30,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

no período, com ênfase nas retrações dos embarques de produtos manufaturados, 43,2%, impactados pelas reduções nas exportações de automóveis de passageiros, 42,1%; madeira compensada, 53,5%; e óleo de soja refinado, 79,5%; e de semimanufaturados, 22,4%, refletindo, em especial, o impacto das reduções nos embarques de óleo de soja em bruto, 51,2%; e madeira serrada, 36,5%; atenuado, em parte, pelo crescimento de 30,8% nas vendas de açúcar em bruto. As exportações de produtos básicos recuaram 1,8%, revelando o impacto mais acentuado das reduções relacionadas às vendas de milho, 31%, e carne de frango, 18,7%, em relação ao proporcionado pelos crescimentos nos embarques de soja, 27,3%, e carne suína, 22,2%. A China firmou-se como o principal destino das vendas externas paranaenses, absorvendo, em conjunto com a Alemanha, Holanda, Argentina e EUA, 39,4% das exportações do estado.

Tabela 5.15 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	6 599	3 838	-41,8	-29,5
Bens de capital	930	770	-17,1	14,5
Matérias-primas	3 339	1 937	-42,0	33,0
Bens de consumo	816	612	-25,0	-7,6
Duráveis	589	428	-27,3	-15,6
Não duráveis	227	184	-18,8	2,3
Combustíveis	1 515	519	-65,7	-51,8

Fonte: MDIC/Secex

A evolução das importações paranaenses traduziu a ocorrência de recuos nas aquisições em todas as categorias de produtos, com ênfase nas relativas a matérias-primas e bens intermediários, 42%, refletindo as retrações recentes nas compras de partes e peças para veículos e de adubos e fertilizantes, em virtude da perda de renda do setor agrícola. O recuo no valor das importações de combustíveis e lubrificantes, evidenciando a trajetória dos preços do petróleo, atingiu 65,7%, enquanto os referentes às compras de bens de consumo duráveis e de bens de consumo não duráveis alcançaram, na ordem, 27,3% e 18,8%, impactados, respectivamente, pela menor demanda interna por automóveis de passageiros e por medicamentos. As importações de bens de capital decresceram 17,1% no semestre, movimento atenuado pelas encomendas realizadas anteriormente à crise e entregues nesse semestre. As importações paranaenses originaram-se, principalmente, da China, Argentina, Nigéria, Alemanha e EUA, responsáveis, em conjunto, por 55,5% das compras do estado no semestre.

Tabela 5.16 – Evolução do emprego formal – Paraná

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008			2009	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	68,2	45,7	23,2	-45,7	30,5
Ind. de transformação	24,0	13,1	1,6	-27,8	7,9
Comércio	10,4	10,8	12,4	-3,8	3,2
Serviços	16,9	13,9	7,5	-2,1	10,5
Construção civil	5,6	6,2	1,3	-1,9	2,6
Agropecuária	10,7	1,0	0,4	-9,3	5,0
Serv. ind. de util. pública	0,2	0,3	0,1	-0,1	-0,2
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

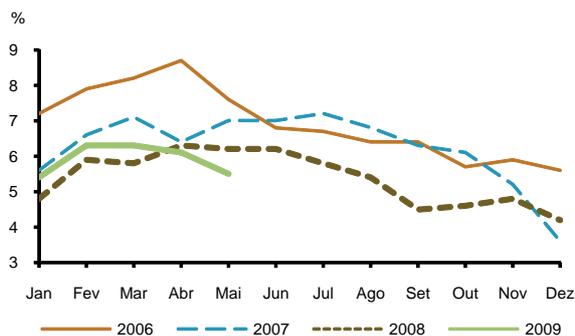
Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A recuperação da atividade econômica se refletiu nos indicadores do mercado de trabalho formal do estado. Nesse sentido, de acordo com o Caged/MTE, foram criados 30,5 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio, ante 68,2 mil em igual período de 2008, dos quais 10,5 mil no setor de serviços e 7,9 mil na indústria, setores que haviam registrado volume acentuado de demissões no trimestre encerrado em fevereiro, quando foram eliminados 45,7 mil postos de trabalho no estado. O nível de emprego formal recuou 0,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, considerados dados dessazonalizados.

Gráfico 5.13 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba



Fonte: Iparades/IBGE

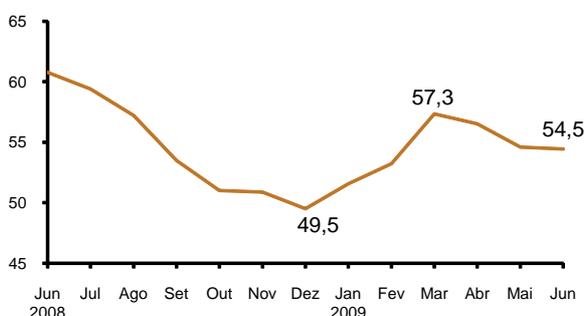
Tabela 5.17 – IPCA – Paraná

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2008		2009	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,95	0,52	1,26	1,81
Livres	71,2	0,86	0,84	1,12	1,75
Comercializáveis	33,5	0,24	0,66	0,32	2,35
Não comercializáveis	37,7	1,42	1,01	1,83	1,22
Monitorados	28,8	1,18	-0,27	1,60	1,95
Principais itens					
Alimentação	21,1	0,39	1,76	1,27	1,83
Habitação	13,6	1,57	0,58	2,14	2,62
Art.residência	4,4	0,13	-1,94	1,63	3,47
Vestuário	6,3	-0,67	2,07	-0,91	2,57
Transportes	22,2	1,67	-0,68	0,03	0,48
Saúde	9,9	0,92	0,40	0,91	1,67
Desp. pessoais	10,7	2,30	1,28	2,28	4,19
Educação	6,6	0,10	0,07	5,47	0,17
Comunicação	5,1	-0,19	0,24	0,08	0,63

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2009.

Gráfico 5.14 – Índice de difusão IPCA – Curitiba
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

A taxa de desemprego da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) atingiu 6% no trimestre encerrado em maio, ante 6,1% em igual período de 2008, de acordo com a PME, elaborada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparades) em convênio com o IBGE, refletindo os decréscimos assinalados no número de ocupados, 1,6%, e na PEA, 1,7%. Segundo a mesma pesquisa, os rendimentos médios reais habitualmente recebidos e a massa salarial cresceram, na ordem, 4,3% e 2,7%, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 5,4% no trimestre encerrado em maio, ante 5,8% naquele finalizado em fevereiro.

O IPCA da RMC aumentou 1,81% no trimestre encerrado em junho, ante 1,26% naquele finalizado em março, refletindo o impacto das acelerações registradas nas variações dos preços livres, de 1,12% para 1,75%, e dos monitorados, de 1,60% para 1,95%, esta evidenciando, em especial, a elevação de 4,42% no preço da gasolina, que exerceu contribuição individual de 0,29 p.p. para a variação do IPCA no trimestre.

O desempenho dos preços livres refletiu, em especial, a aceleração, de 0,32% para 2,35%, registrada na variação dos preços dos itens comercializáveis, ressaltando-se as contribuições respectivas de 0,38 p.p. e 0,21 p.p., para a variação total do IPCA, inerentes às elevações nos preços dos itens leite pasteurizado, refletindo o período de entressafra, e cigarro, em decorrência da elevação das alíquotas do IPI e do ICMS. A variação dos preços dos bens não comercializáveis recuou de 1,83% para 1,22%, na mesma base de comparação, com ênfase para os aumentos nos preços dos itens empregado doméstico, 4,18%; conserto de automóvel, 4,10%; condomínio, 3,79%; e aluguel residencial, 2,51%, exercendo contribuição conjunta de 0,35 p.p. para a inflação do trimestre.

A média trimestral do índice de difusão, revelando menor disseminação dos aumentos de preços entre os itens pesquisados, atingiu 54,5% no trimestre encerrado em junho, ante 57,3% naquele finalizado em março.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA registrou expansão de 4,61% em junho, ante 5,12% em março, recuo associado ao arrefecimento, de 6,03% para 4,57%, observado na variação dos preços livres, em particular dos itens não comercializáveis. A variação dos preços monitorados registrou aceleração, de 2,72% para 4,52%, no período, evolução associada, principalmente aos impactos dos aumentos nos itens tarifa de ônibus urbano

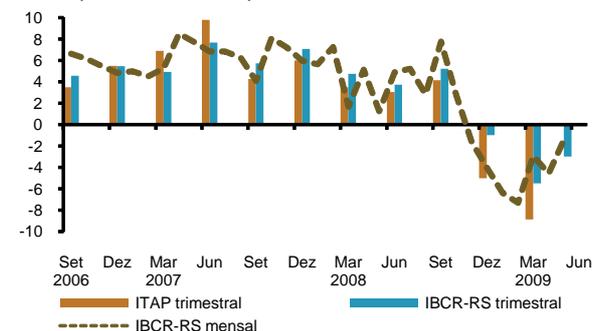
na capital, plano de saúde, gasolina e energia elétrica residencial, os dois últimos evidenciando a elevação nas respectivas alíquotas do ICMS, a partir de abril.

O cenário de recuperação gradual da atividade econômica no Paraná, fundamentado nos resultados recentes da indústria, do comércio varejista e do emprego formal, tende a se consolidar nos próximos meses, favorecido pelos efeitos das medidas governamentais anticíclicas e pela continuidade dos ganhos reais da massa salarial. Em sentido oposto, devem ser considerados os desdobramentos exercidos pelo desempenho negativo da agricultura – afetada por adversidades meteorológicas e pela evolução desfavorável dos preços de produtos importantes na região – tanto sobre a renda do setor quanto sobre o dinamismo das atividades mais dependentes desse segmento.

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.15 – ITAP e IBCR-RS

Var. % período / mesmo período ano anterior



Fonte: FEE e Banco Central

Os indicadores setoriais vêm registrando, no período recente, sinais de recuperação da economia gaúcha, situando-se, de modo geral, em patamar superior aos vigentes nos meses que sucederam a intensificação da crise financeira internacional, com ênfase nos resultados associados ao comércio e à indústria. Nesse cenário, o IBCR-RS, embora captasse o desempenho desfavorável do setor agrícola, registrou crescimento de 2,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia recuado 7,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas do Rio Grande do Sul aumentaram 3,5% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando decresceram 2,3%, nesse tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE, com ênfase nos aumentos relativos aos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 16,6%, equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 11,9%, e combustíveis e lubrificantes, 11,2%.

Tabela 5.18 – Índice de vendas no varejo – Rio Grande do Sul
Maio de 2009

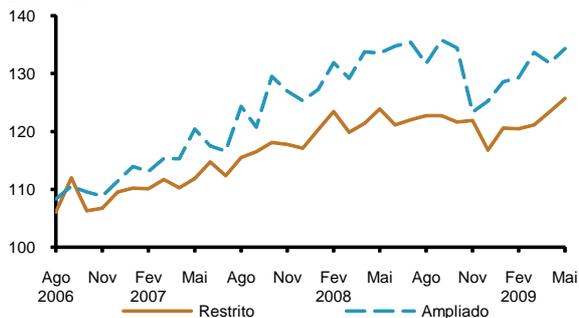
Discriminação	Variação % acum. 12 meses		
	Receita nominal	Volume	Preço
Comércio varejista	9,0	3,0	5,8
Combustíveis e lubrificantes	4,1	1,7	2,4
Hiper, supermercados	11,0	0,8	10,1
Tecidos, vestuário e calçados	4,8	-3,1	8,2
Móveis e eletrodomésticos	5,8	6,0	-0,2
Comércio varejista ampliado	8,8	4,3	4,3
Automóveis e motocicletas	8,6	8,9	-0,3
Material de construção	8,5	-1,8	10,5

Fonte: IBGE

Gráfico 5.16 – Comércio varejista – RS

Dados dessazonalizados

2003 = 100

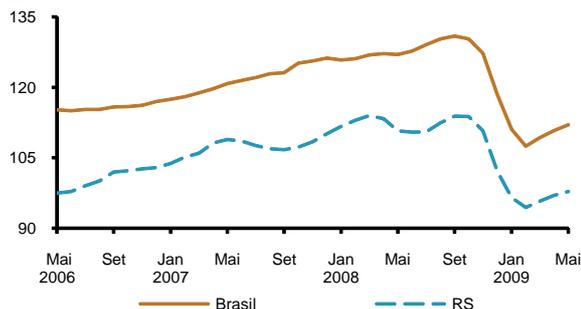


Fonte: IBGE

O desempenho positivo do comércio, compatível com o crescimento da renda, evidenciando a eficácia das políticas de desoneração fiscal e de redução das taxas de juros, mostrou-se mais intenso no conceito ampliado, que, incorporados o aumento de 4,2% relativo às vendas de veículos, motos, partes e peças, e a redução de 2,1% nas associadas a materiais de construção, expandiu 4,3% no período.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas elevaram-se 3% em maio, em relação a igual período do ano anterior, ante 4,6% em fevereiro, registrando resultados positivos em oito dos nove segmentos analisados, com destaque para equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 19,5%; livros, jornais, revistas e papelaria, 14,3%; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 12,9%. O comércio ampliado, refletindo as variações respectivas de 8,9% e -1,8% assinaladas nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, cresceu 4,3% no período.

A produção da indústria de transformação gaúcha recuou 5,7% no período de doze meses encerrado em maio, em relação a igual período anterior, ante redução de 2,5% em fevereiro, de acordo com a PIM-PF do IBGE. A retração na atividade industrial refletiu a perda de dinamismo observada em doze das quatorze atividades acompanhadas na pesquisa,

Gráfico 5.17 – Produção industrial – RSDados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

Fonte: IBGE

Tabela 5.19 – Produção industrial – Rio Grande do Sul

Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-14,7	3,6	-5,7
Alimentos	17,7	-5,3	1,9	-1,5
Refino de petróleo e álcool	11,1	25,9	3,4	-5,1
Máquinas e equipamentos	10,8	-33,3	-9,2	-3,7
Veículos automotores	10,2	-39,7	26,2	-5,5
Calçados e artigos de couro	9,4	-17,1	-4,6	-17,7
Outros produtos químicos	9,1	-35,8	68,1	-4,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de maio.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.20 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2009		
	Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
IDI	-11.7	-3.5	-3.7
Vendas industriais	-15.8	-1.0	-6.2
Pessoal ocupado	-3.6	-3.6	0.3
Horas trabalhadas	-13.1	7.0	-2.6
Nuci ^{1/}	80.2	78.1	82.8

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

com ênfase nos recuos relativos aos segmentos bebidas, 7,6%; metalurgia básica, 18,6%; e calçados e artigos de couro, 17,7%, esta refletindo redução acentuada das vendas externas, que representam cerca de 30% da demanda do setor. Ratificando o comportamento da indústria de transformação gaúcha no médio prazo, o Índice de Desempenho Industrial (IDI) da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) recuou 3,7% na mesma base de comparação, ante aumento de 1,2% no período de doze meses encerrado em fevereiro, resultado de retrações nas horas trabalhadas, 2,6%; nas vendas industriais, 6,2%; e no Nuci, 3,4 p.p.

A indústria do estado experimentou recuperação na margem, evolução expressa no aumento de 3,6% registrado no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando ocorrera retração de 14,7%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A retomada do setor traduziu o crescimento da produção em seis das quatorze atividades incluídas na pesquisa, salientando-se os relativos a outros produtos químicos, 68,1%; refino de petróleo e álcool, 3,4%; e veículos automotores, 26,2%, enquanto as retrações mais acentuadas ocorreram nos segmentos máquinas e equipamentos, 9,2%; e edição, impressão e reprodução de gravações, 10,2%. O IDI da Fiergs, calculado a partir de dados dessazonalizados, decresceu 3,5% no período, traduzindo recuos de 1% nas vendas industriais, de 3,6% no pessoal ocupado e 2,1 p.p no Nuci, contrastando com a elevação de 7% nas horas trabalhadas na produção.

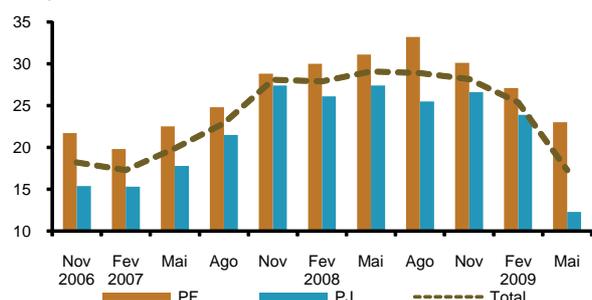
O Índice de Confiança do Empresário Industrial do Rio Grande do Sul (Icei/RS), calculado pela Fiergs, atingiu 47 pontos em abril, ante 45 em janeiro e 60 em abril de 2008. A recuperação no curto prazo refletiu a melhora das expectativas dos empresários em relação ao desempenho da própria empresa, em oposição à redução observada no componente que avalia a percepção das condições atuais.

Evidenciando o cenário de estabilidade de preços, atratividade dos financiamentos imobiliários e relativa sustentação do mercado de trabalho, a Pesquisa do Mercado Imobiliário da Capital, elaborada mensalmente pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), revelou que a taxa de velocidade de vendas de imóveis novos em Porto Alegre, que expressa a relação entre as vendas e a oferta, atingiu 10,6% em abril, ante 5,9% em março e 20,7% em igual mês de 2008.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no estado totalizou R\$80,4 bilhões em

Gráfico 5.18 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS ^{1/}

Varição em 12 meses - %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

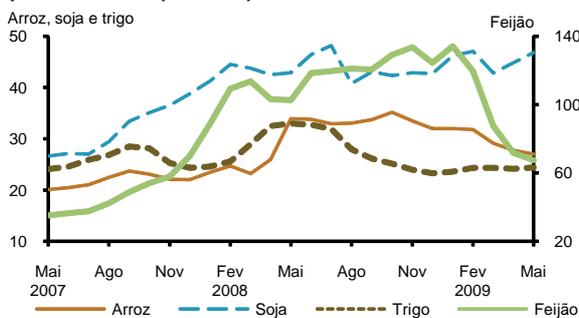
Tabela 5.21 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção 2008	Produção 2009 ^{1/}	Variação % 2009/2008
Grãos	22 960	22 218	-3,2
Arroz (em casca)	7 371	7 845	6,4
Feijão	102	124	21,5
Milho	5 322	4 249	-20,2
Soja	7 773	7 904	1,7
Trigo	2 058	1 764	-14,3
Outras lavouras			
Fumo	446	440	-1,2
Maçã	515	557	8,1
Uva	776	753	-3,0

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2009.

Gráfico 5.19 – Preços médios mensais pagos ao produtor – RS (R\$/saca)

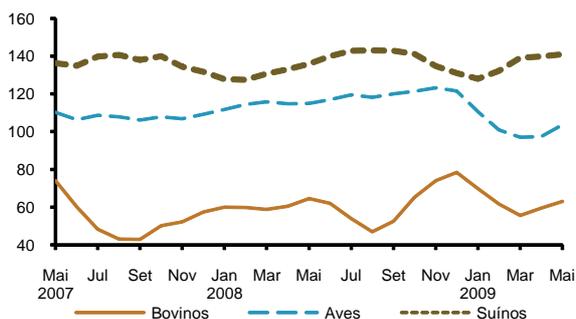


Fonte: Emater

Gráfico 5.20 – Abates de animais – RS

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

maio, aumentando 0,9% no trimestre e 17,3% em doze meses. Os empréstimos no segmento de pessoas físicas totalizaram R\$39,2 bilhões, elevando-se 4,3% no trimestre e 23% em doze meses, com destaque para o desempenho das modalidades financiamento habitacional (Sistema Financeiro da Habitação – SFH), crédito consignado. As contratações referentes ao segmento de pessoas jurídicas atingiram R\$41,2 bilhões, registrando variações de -2,1% no trimestre e de 12,3% em doze meses, com ênfase nas reduções das operações contratadas pelas indústrias de máquinas e equipamentos, de refino de petróleo e química, e dos aumentos nas relacionadas às indústrias extrativas e de moda – vestuário, acessórios, calçados e bolsas.

A safra de grãos do Rio Grande do Sul deverá apresentar redução anual de 3,2% em 2009, ante 13,3% na região Sul e 7,5% no país, segundo o LSPA de junho do IBGE, refletindo, em especial, a retração de 20,2% na produção de milho, prejudicada por condições meteorológicas desfavoráveis, e as estimativas de redução de 14,3% para a safra de trigo e de aumentos respectivos de 21,5% e 6,4% para as culturas de feijão e de arroz. Em relação aos preços pagos aos produtores dos principais produtos agrícolas do estado, de acordo com a Emater/RS apenas os relativos a arroz e soja registraram ganhos no primeiro semestre de 2009, comparativamente a igual período de 2008.

Dentre as culturas permanentes do estado, assinalem-se as variações anuais observadas nas produções de uva, -3%, impactada pela seca registrada no estado, e de maçã, 8,1%, cujos preços médios elevaram-se, na ordem, 50,7% e 17,4% nos seis primeiros meses do ano, comparativamente a igual período de 2008, de acordo com o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os abates de aves e de bovinos registraram declínios respectivos de 13,8% e 5,7% nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, conforme o Mapa. A retração da oferta interna, acompanhada, no caso de bovinos, por crescimento das vendas externas, contribuiu para elevações, na ordem, de 15,5% e 8,3%, nesses preços. Em sentido inverso, os abates de suínos cresceram 2,8% no período, refletindo, em parte, o crescimento de 3,3% da demanda externa, enquanto os preços assinalaram declínio de 21,2%.

A produção de leite do Rio Grande do Sul, a segunda mais importante do país, cresceu 10,9% nos cinco primeiros meses do ano, comparativamente a igual período de 2008,

Tabela 5.22 – Indicadores da pecuária – RS

Maio de 2009

Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	-5,7	11,3	8,3
Suínos	2,8	3,3	-21,2
Aves ^{1/}	-13,8	-7,8	15,5
Leite ^{2/}	13,9	-	-7,0

Fonte: Emater/RS, Embrapa Gado de Leite, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC.

1/ O preços correspondem aos praticados no varejo.

2/ Litros.

de acordo com dados do IBGE para o primeiro trimestre e estimativa da Embrapa Gado de Leite para abril e maio. Os preços recebidos pelos produtores, embora registrassem recuperação na margem, recuaram, em média, 7% no acumulado do ano.

O superávit da balança comercial do estado totalizou US\$2,8 bilhões nos seis primeiros meses do ano, ante US\$1,3 bilhão em igual período de 2008, registrando-se recuos de 19,3% nas exportações e de 44,3% nas importações, que somaram, na ordem, US\$6,7 bilhões e US\$3,9 bilhões.

Tabela 5.23 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	8 309	6 704	-19,3	-22,8
Básicos	3 472	3 351	-3,5	-8,2
Industrializados	4 837	3 353	-30,7	-31,1
Semimanufaturados	840	453	-46,1	-27,5
Manufaturados ^{1/}	3 997	2 900	-27,4	-30,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O desempenho das exportações refletiu a ocorrência de recuos nas vendas de todas as categorias de fator agregado. Os embarques de produtos básicos decresceram 3,5% no semestre, com ênfase nas reduções relativas a trigo, 79,1%, e carnes, 30,5%^{6/}; os referentes a semimanufaturados retraíram 46,1%, impactados pelas contrações observadas nas vendas de óleo de soja, 50,6%, e couros, 51,8%; enquanto as relativas a manufaturados recuaram 27,4%, com destaque para a redução de 33,9% registrada nos embarques de calçados. Considerados os principais países de destino, as vendas direcionadas aos EUA e à Argentina recuaram, na ordem, 27,5% e 37,8%, no semestre, enquanto as destinadas à China aumentaram 49%, representando, em conjunto, 33,6% dos embarques do estado.

Tabela 5.24 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	6 961	3 876	-44,3	-29,5
Bens de capital	807	895	10,9	14,5
Matérias-primas	2 901	1 544	-46,8	33,0
Bens de consumo	641	554	-13,6	-7,6
Duráveis	463	380	-17,9	-15,6
Não duráveis	178	174	-2,2	2,3
Combustíveis	2 612	883	-66,2	-51,8

Fonte: MDIC/Secex

A segmentação das importações segundo categorias de uso final revela que as aquisições de combustíveis decresceram 66,2% no semestre, enquanto as relacionadas a matérias-primas e produtos intermediários, impactadas pelo recuo de 41,1% nas compras de naftas, e as referentes a bens de consumo duráveis, evidenciando o decréscimo de 18,9% nas importações de automóveis, registraram reduções respectivas de 46,8% e 17,9%. As compras de bens de consumo não duráveis recuaram 2,2%, ressaltando-se a redução de 48,9% nas aquisições de cebolas frescas ou refrigeradas. Em sentido oposto, as aquisições de bens de capital aumentaram 10,9%, impactadas pelo crescimento de 42,8% nas compras de veículos de carga. As importações provenientes da Argentina, Nigéria e Alemanha representaram 51,7% do total das compras do estado no semestre.

A retomada da atividade econômica no estado proporcionou a criação de 3,6 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em maio – representando 10,5% do total

6/ A divergência em relação aos dados analisados na pecuária deve-se ao diferente período considerado, bem como à utilização de valores, e não de volumes.

Tabela 5.25 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul
Novos postos de trabalho

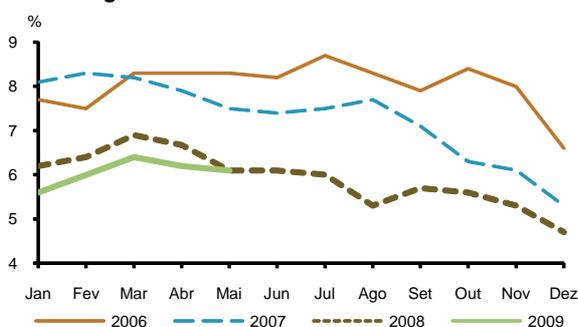
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008			2009	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	29,1	17,3	27,4	-24,1	3,6
Ind. de transformação	13,2	5,8	-5,1	-21,9	-3,1
Comércio	4,3	5,0	15,7	-2,4	2,8
Serviços	8,3	10,4	12,8	-0,3	11,5
Construção civil	3,4	3,9	0,7	-1,9	1,0
Agropecuária	-1,0	-8,4	2,9	2,6	-8,7
Serv. ind. de util. pública	0,2	0,1	0,2	0,1	0,4
Outros ^{2/}	0,7	0,5	0,2	-0,4	-0,3

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

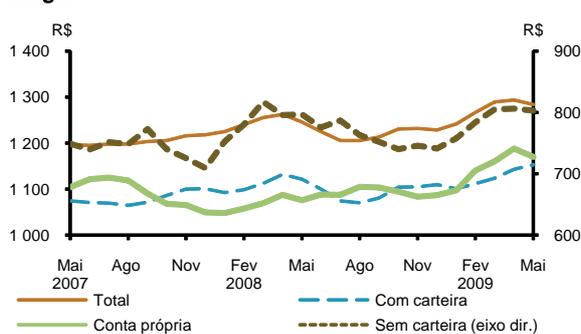
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 5.21 – Taxa de desemprego aberto – Porto Alegre



Fonte: IBGE

Gráfico 5.22 – Rendimento habitual médio real^{1/} – Porto Alegre



Fonte: IBGE

1/ Média móvel trimestral, a preços de mai/09 corrigidos pelo INPC.

gerado em igual período de 2008, ante eliminação de 24,1 mil empregos formais no trimestre finalizado em fevereiro, de acordo com dados do Caged/MTE. A exemplo do observado na região Sul, a criação de empregos esteve concentrada no setor de serviços, com ênfase na geração conjunta de 6,3 mil vagas nos ramos ensino e alojamento e alimentação, enquanto a agropecuária, evidenciando o término da safra de verão de lavouras permanentes, foi responsável pela extinção de 8,7 mil vagas no trimestre. Adicionalmente, a indústria de transformação, atingida mais intensamente pela crise mundial, registrou extinção de postos de trabalho em oito de seus doze subsetores, com destaque para os recuos assinalados nas indústrias de calçados, 3,7 mil, e mecânica, 2,6 mil. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal apresentou retração de 0,3% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando havia recuado 0,5%, no mesmo tipo de comparação.

A taxa de desemprego aberto na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 6,1% em maio, mesmo patamar de igual mês de 2008, de acordo com a PME do IBGE, refletindo decréscimos de 2,8% na PEA e de 2,7% na população ocupada. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego recuou 0,1 p.p. em relação ao trimestre encerrado em fevereiro, traduzindo acréscimo de 0,1% na ocupação e redução de 0,2% na PEA. O rendimento médio real habitualmente recebido e a massa salarial real experimentaram decréscimos respectivos de 2,2% e 0,9%, no trimestre, e elevações de 4% e 0,2%, na ordem, no período de doze meses.

A variação do IPCA da RMPA atingiu 1,70% no trimestre encerrado em junho, ante 0,78% naquele finalizado em março, aceleração determinada pelos aumentos assinalados nas variações dos preços livres, de 0,78% para 1,83%, e dos monitorados, de 0,78% para 1,32%, ressaltando-se, nesse segmento, os reajustes nas tarifas de empresas responsáveis pelo abastecimento de água e fornecimento de energia elétrica na RMPA, bem como de produtos farmacêuticos, cujas contribuições para o índice atingiram 0,07 p.p. e 0,25 p.p., 0,12 p.p., na ordem, neutralizados em parte pelo recuo de 3,63% no preço da gasolina.

O comportamento dos preços livres traduziu, fundamentalmente, o impacto da aceleração, de -0,37% para 2,64%, observada na variação dos preços dos itens comercializáveis, com destaque para as elevações em leites e derivados, 27,58%, causada pela entressafra e estiagem; cigarros, 24,34%, reflexo do aumento na alíquota de IPI, e em vestuário, 3,70%, considerada a sazonalidade devido à troca de

Tabela 5.26 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2008		2009	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,31	1,17	0,78	1,70
Livres	73,3	1,63	1,21	0,78	1,83
Comercializáveis	36,1	1,33	1,48	-0,37	2,64
Não-comercializáveis	37,2	1,93	0,94	1,91	1,06
Monitorados	26,7	0,43	1,08	0,78	1,32
Principais itens					
Alimentação	23,3	0,97	1,89	0,94	2,44
Habitação	14,2	1,45	1,18	-0,06	3,32
Artigos residência	4,7	1,06	1,06	-1,20	-0,10
Vestuário	7,3	2,29	3,42	-1,39	3,70
Transportes	17,7	1,75	0,00	-0,09	-1,16
Saúde	10,7	1,16	0,63	1,30	1,85
Despesas pessoais	10,9	1,42	1,84	1,67	3,81
Educação	6,5	0,52	0,17	6,59	0,14
Comunicação	4,8	0,60	0,06	0,40	0,03

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2009.

estação. Os preços dos itens não comercializáveis registraram variação de 1,06% ante 1,91% no trimestre finalizado em março, desaceleração que decorreu de recuos nos preços de frutas, 12,29%, e hortaliças e verduras, 25,99%, e da ausência de reajuste no item cursos, que havia impactado o IPCA em 0,33 p.p. no trimestre finalizado em março.

O índice de difusão atingiu média de 52% no trimestre finalizado em junho, reduzindo-se 5,3 p.p. ante o período encerrado em março, indicando menor dispersão dos reajustes de preços.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da RMPA atingiu 5,05% em junho, ante 6,11% em março, trajetória decorrente da desaceleração, de 3,81% para 3,66% observada nos preços dos itens monitorados, e de 6,97% para 5,56% registrada nos preços livres, favorecida por reduções respectivas de 0,93 p.p. e 0,13 p.p. nas contribuições dos grupos alimentação e transportes.

Ao final do primeiro semestre de 2009, são evidentes os sinais de recuperação da atividade da economia gaúcha, após a retração acentuada observada nos meses que sucederam a intensificação da crise financeira internacional. A continuidade desse processo nos próximos meses deverá ser favorecida pelo fortalecimento do mercado interno, em cenário de estabilidade de preços e de persistência dos efeitos das políticas anticíclicas do governo, mas estará influenciada, adicionalmente, pelos impactos negativos do desempenho projetado para o setor agrícola, que exerce encadeamentos relevantes com atividades relacionadas à indústria e ao comércio, interno e externo, do estado.